



?

## O “Maior Espetáculo da Terra”: O Futebol como Elemento da Cultura de Massa Brasileira<sup>1</sup>

Vinícius MOSER<sup>2</sup>

Cleber Cristiano PRODANOV<sup>3</sup>

Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS

### Resumo

Este artigo analisa de que forma o futebol, através dos meios de comunicação, especialmente – como rádio, televisão e internet – reforça e dá visibilidade, nacional e internacional, a esse esporte, dentro dos diferentes níveis de cultura propostos por Umberto Eco (2004). O texto também mostra de que maneira o futebol estabelece uma relação dialógica e contextual entre os diferentes níveis da cultura, sendo capaz de transgredi-los, reestruturando-os em uma nova proposta.

**Palavras-chave:** Futebol; comunicação; cultura de massa; Umberto Eco; identidade nacional brasileira.

### Introdução

O futebol foi introduzido no Brasil no final do século XIX e evoluiu rapidamente ao longo do século XX, transcendendo da concepção de esporte de elite, naquela época inicial, à de futebol comercial e de espetáculo globalizado, tal como nos dias atuais. Ao longo de sua implantação e consolidação em terras brasileiras, essa modalidade esportiva afirmou-se como um dos mais importantes elementos da formação da identidade brasileira. Com distintas fases, o papel do esporte vem se alterando ao longo do tempo na sociedade brasileira. Inicia como elemento de lazer de uma pequena classe dominante e torna-se uma paixão popular integradora, atividade profissional séria, bem como um caminho de afirmação nacional e também um milionário e globalizado negócio.

Dentro desse contexto, o futebol pode ser compreendido como um dos elementos de formação e de consolidação de uma identidade nacional brasileira mais

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Graduado em História pela Universidade Feevale em Novo Hamburgo (RS). Mestrando, com bolsa Prosup/CAPES, em Processos e Manifestações Culturais, pela mesma instituição, e-mail: moser@feevale.br.

<sup>3</sup> Doutor em História Social pela USP/SP, professor titular da Universidade Feevale em Novo Hamburgo (RS), onde atua também no corpo permanente do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais. É pesquisador do grupo de pesquisa em Cultura e Memória da Comunidade da mesma Universidade, e-mail: prodanov@feevale.br.



coesa, pelo fato de que o jogo da pelota suplanta e transcende fronteiras locais e regionais. Populações que se situam geograficamente distantes entre si sentem-se mais próximas, como ocorre quando das partidas do selecionado brasileiro de futebol, como trazem Drumond (IN PRIORE; MELO, 2009). Um exemplo de como o futebol, enquanto elemento identitário nacional se constitui em uma prática já consolidada pela elite brasileira é descrito por Guterman (2009), onde durante o Estado Novo instituído por Getúlio Vargas em 1937, a atividade futebolística é percebida como um elemento de união e de coesão da pátria brasileira<sup>4</sup>. Também na atualidade, o futebol é entendido como um componente que dá substância ao modo do brasileiro perceber sua identidade, como visto em Da Matta (2006)<sup>5</sup>.

Nesse sentido, o presente texto tratará do futebol, compreendido aqui como manifestação cultural, com características bem específicas e uma legitimação própria<sup>6</sup>. Esta modalidade esportiva pode ser entendida enquanto tal pelo fato de que permite, para sua compreensão, um enfoque interdisciplinar e multidisciplinar dentro das ciências humanas e sociais aplicadas, englobando no âmbito da cultura saberes de diferentes áreas, já que o futebol, como diz Da Matta (2006) pode ser considerado como um dos vetores de análise da cultura brasileira como um todo.

Para tanto, partir-se-á do princípio de que a atividade futebolística, tanto em um espaço nacional quanto regional, configura-se em um elemento de legitimação social da população como um todo, constituindo-se, assim, como um elemento de intersecção dos diferentes níveis de cultura de massa propostos por Umberto Eco (2004), que são três, segundo esse autor: alto, médio e baixo nível. Assim, o artigo adota como questão norteadora principal a seguinte circunstância: de que maneira o futebol proporciona uma porosidade dos níveis de cultura de massa propostos por Umberto Eco (2004)? Deste modo, a proposta do artigo é mostrar, dentro desse contexto, que os ‘níveis’ de cultura de massa não podem ser observados na dinâmica comunicacional do

---

<sup>4</sup> A questão do futebol enquanto um elemento que dá consistência à formação da identidade nacional, em diferentes contextos, pode ser vista em outras produções, como Prodanov e Moser (2009; 2010; 2011).

<sup>5</sup> O Brasil, na atualidade, desempenha um papel de player global – em outros termos, possui uma relevância em termos mundiais dentro desse cenário – nas negociações financeiras e esportivas que envolvem o futebol, como diz Máximo (1999).

<sup>6</sup> Para maiores informações acerca da trajetória histórica e da importância do futebol dentro do contexto sul-riograndense, ver Prodanov e Moser (2009; 2010; 2011), onde, analisando a atividade futebolística em espaços locais e regionais, os meios de comunicação impressos assumem uma dimensão importante enquanto fontes de consulta, como, por exemplo, o semanário de Novo Hamburgo *O 5 de Abril*, como será visto adiante.



futebol, pois o futebol perpassa e subverte a ordem desses estamentos da cultura de massa, num movimento bastante próprio e dinâmico.

Deste modo, a revisão bibliográfica a que esse texto se propõe pretende efetuar uma aproximação entre duas áreas contraditórias e que aparentemente, em um primeiro olhar, parecem distantes entre si, que são a História e a Comunicação Social, bem como mostrar de que forma a atividade futebolística surgiu no Brasil e no Rio Grande do Sul, sendo essa inicialmente ligada a determinados grupos sociais de elite, conforme veremos.

Nessa aproximação entre diferentes campos de conhecimento, como já dito anteriormente, a História, em especial nos últimos três decênios, vem assumindo novos posicionamentos, no sentido de permitir um diálogo mais abrangente com outras áreas do saber. Assim, o futebol surgiu como um objeto valorizado dentro do ramo dos estudos históricos, embasada em abordagens de outras disciplinas do saber, como a Antropologia e as Ciências Sociais. É também importante frisar que, nessa visão antiga da historiografia, a análise dessa prática esportiva estava relegada a um segundo plano. Dessa forma, desde o início da Nova História Cultural, no final dos anos 1920, abriram-se diferentes caminhos de pensamento da história com outros campos do conhecimento, pois para os historiadores dessa corrente historiográfica<sup>7</sup>.

O domínio do passado não implica uma imagem de imobilidade social. É compatível com visões cíclicas de mudança histórica, e certamente com a regressão e a catástrofe (ou seja, o fracasso em reproduzir o passado). É incompatível com a idéia de progresso contínuo (HOBSBAWN, 2002, p. 25).

Essa imagem de um passado estanque e imóvel, que não pode e nem necessita articular-se com os outros saberes, mesmo dentro das humanidades, somente geram regressões de pensamento, bem como o apequenamento da própria produção intelectual. Durante séculos, as áreas do conhecimento estiveram compartimentadas em seus nichos, sem uma possibilidade de uma intersecção proveitosa entre elas, o que acabava empobrecendo-as; somente há poucas décadas que começou a ocorrer esse trânsito entre as diferentes áreas do saber, com o objetivo de se estabelecer novas relações e novos olhares sob os objetos de pesquisa.

---

<sup>7</sup> Os principais expoentes teóricos da Nova História Cultural, corrente historiográfica também denominada como a quarta geração da Escola dos *Annales*, se constituem em Roger Chartier (2002) e Peter Burke (2005).



Assim, para que haja uma melhor compreensão do fenômeno futebolístico no Rio Grande do Sul, por exemplo, se faz necessário esse ato de perpassar diferentes campos do conhecimento – como já mencionado antes, aparentemente estanques entre si –, numa perspectiva interdisciplinar e enriquecedora do saber dentro das Humanidades.

## **Os Primeiros Lances do Futebol no Brasil e no Rio Grande do Sul**

O período estabelecido entre o último decênio do século XIX e os primeiros vinte anos do século XX constituiu-se na introdução e no estabelecimento do futebol no Brasil e no Rio Grande do Sul (JESUS, 2003). O futebol desenvolveu-se grandemente tanto nos maiores centros industriais e populacionais do país, como São Paulo e Rio de Janeiro, como na região mais meridional do país<sup>8</sup>.

Oficialmente, o começo das atividades futebolísticas no Brasil deu-se com a criação dos primeiros clubes por ingleses que residiam em São Paulo e no Rio de Janeiro, a partir dos anos 1880 (GUTERMAN, 2009). Nesse contexto, Charles Miller – nascido em São Paulo em 1874, mas de nacionalidade inglesa por seus pais serem naturais desse país – é considerado o “pai” do futebol, quando trouxe da Inglaterra, vinte anos após o seu nascimento, as primeiras bolas e bombas para enchê-las.

Nesse sentido, cabe ressaltar que uma das qualidades que fez com que o futebol se tornasse um esporte de vocação popular foi justamente “[...] a possibilidade de jogá-lo sem que seja necessário gastar muito dinheiro. Nos primeiros anos do esporte no Brasil, porém, todo o equipamento adequado para a prática do jogo tinha de ser importado” (GUTERMAN, 2009, p. 33-34). Embora com essa dificuldade imposta pelo custo dos equipamentos necessários ao jogo, e também por ter sido logo adotado pela elite brasileira como um esporte “fino” – apesar de em Inglaterra o futebol ter sido, desde o seu princípio, um esporte ligado às massas populares – o futebol rapidamente popularizou-se, por meio dos operários das companhias férreas inglesas que trabalhavam no Brasil nesse período. Esses trabalhadores não tinham contato somente com os representantes da classe dominante brasileira, mas também como gente de

---

<sup>8</sup> No contexto local, o principal periódico da cidade de Novo Hamburgo, o semanário *O 5 de Abril*, que circulou de 1927 a 1962, em seu espaço destinado à crônica esportiva da cidade e da região do Vale do Rio dos Sinos – a coluna *Notas Sportivas* também destinou um grande espaço à prática futebolística, em sobreposição às demais modalidades esportivas (BEHREND, 2002).



origem mais simples, o que, ainda segundo Guterman (2009), auxiliou a disseminar essa prática esportiva.

Nesse período efervescente para o esporte, no Rio Grande do Sul vários clubes haviam se formado em cidades gaúchas, especialmente em Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, cidades que iniciam o movimento de introdução, no sentido litoral-interior, ensejando uma multiplicação de equipes esportivas (JESUS, 2003). No Estado, as primeiras bolas de futebol e demais equipamentos para a prática do esporte apareceram na cidade portuária de Rio Grande e em cidades próximas da fronteira com o Uruguai e a Argentina, através de viajantes oriundos desses países e de comerciantes de origem alemã, sobretudo, que estavam de passagem ou estabelecidos nessa cidade.

Essa presença decisiva dos teuto-brasileiros na introdução do futebol no estado traduziu-se, por exemplo, na fundação do Sport Club Rio Grande, em 19 de julho de 1900.

[...] esse foi o primeiro clube de futebol criado no RS, contou com a participação majoritária e decisiva de alemães, pois foi um hamburguês chamado Minnermann seu principal articulador e eram de origem germânica a grande maioria dos fundadores do clube (JESUS, 2001, p. 05).

Embora o primeiro clube de futebol no Rio Grande do Sul tenha sido fundado por comerciantes de origem teuto-brasileira em Rio Grande, portanto ligados a uma elite local, rapidamente o esporte que chegou ao Estado como uma manifestação esportiva ligada às elites transformou-se em uma prática ligada às massas, onde seu público consumidor, nesse caso, o número cada vez maior de adeptos do jogo da pelota ligado aos segmentos populares, não formulava exigências particulares a este produto cultural que chegava à região sul do Brasil. Assim:

Mesmo estando geograficamente no extremo sul do Brasil e não sendo o centro político e econômico do país, o Rio Grande do Sul teve certo grau de pioneirismo nessa acelerada e apaixonante expansão do futebol. Houve uma considerável contribuição de uruguaios e ingleses residentes nesse Estado, assim como daqueles que trabalhavam em nossos portos e fronteiras mais meridionais e traziam consigo a prática do chamado esporte bretão. Também foi decisiva a grande massa de imigrantes alemães, italianos e seus descendentes, que habitavam essa região mais ao sul do Brasil, nas bordas da região platina e povoada por imigrantes europeus de várias etnias (PRODANOV; MOSER, 2011, p. 03).



Desse modo, nesse contexto de expansão da imigração e de seus descendentes no Estado, também na capital, em 1903, foram fundados, no mesmo dia (15 de setembro), os dois primeiros clubes de futebol de Porto Alegre: o Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense e o *Fussball Club* Porto Alegre; já o *Sport Club* Internacional iniciou suas atividades em 1909. Dessa forma, já nesse período, o futebol gerava uma intensa participação popular nessa prática esportiva (GUAZZELLI, 2000).

A acentuada presença desse grupo étnico teuto-brasileiro no início do desenvolvimento da atividade futebolística no Rio Grande do Sul pode ser explicado pelo conceito de ‘Germanidade’ (ou ‘Deutschtum’, em alemão), conforme traz Giralda Seyferth (1999)<sup>9</sup>.

Desse modo, a autora destaca ainda que o sentido ambivalente do emprego dessa terminologia, na formação étnica das colônias alemãs e, nesse caso especificamente, também serve ao futebol. Ao se reforçar a superioridade alemã na “selva” e depreciar o elemento “nativo”, no caso os brasileiros natos, que o processo de colonização assumiu, justamente, esse traço marcadamente étnico. A autora também coloca que o enriquecimento dos colonos alemães, acentuado a partir do último quartel do século XIX, teve como resultado, justamente, reforçar essa superioridade do ‘alemão’ em detrimento do ‘brasileiro’ pobre e indolente, colocando-o, dentro das relações e das estratégias de negociação simbólica<sup>10</sup> e social estabelecidas dentro das colônias, ao colocar esses últimos em um patamar de inferioridade e de depreciação. Um exemplo dessa negociação em termos étnicos deu-se com a entrada do primeiro jogador negro em um time composto majoritariamente por brancos, como episódio ocorrido no Grêmio FBPA, nos anos 1950 (DAMO, 2002).

Outro aspecto que cabe aqui salientar foi como o futebol transcendeu o âmbito elitista e fortemente ligado ao conceito étnico para transformar-se no esporte nacional brasileiro por excelência, em especial a partir da década de 1930. Durante o primeiro governo de Vargas, compreendido entre o período 1930-45, o futebol foi alçado à condição de um elemento de integração e disciplina das massas populares, ligando-se, assim, a um projeto nacional de criação de uma identidade brasileira. Nesse momento

---

<sup>9</sup> A autora exemplifica esse conceito no sentido de que essa ‘germanidade’, para os imigrantes que chegaram ao sul do Brasil nos séculos XIX e XX consistia num sentimento de superioridade do ‘trabalho alemão’ e “[...] define o pertencimento à etnia alemã, estabelecendo seus critérios – língua, raça, usos, costumes, instituições, cultura alemãs” (SEYFERTH, 1999, p. 74).

<sup>10</sup> Valendo-se aqui do aporte teórico de Pierre Bourdieu (1998) traz acerca do poder simbólico, esse autor traz a ideia de que, nas relações societárias, as negociações simbólicas consistem em importantes estratégias para a dinâmica social.



histórico, o futebol já tinha deixado de estar circunscrito às elites, locais ou nacionais, para ser praticado por pessoas de todas as classes sociais, conforme já referido. Desse modo, de acordo com Ribeiro (2003, p. 02):

[...] correspondia a um movimento cultural e político mais amplo, envolvendo tanto os interesses de disciplina social do Estado, a dinâmica específica do futebol, quanto um clima cultural, que perpassava toda a sociedade, de produção de uma identidade nacional forte. Com relação à situação específica do futebol, a profissionalização correspondia à tensão que existia entre a tradição elitista e amadora dos primórdios da prática esportiva e a necessidade de regulamentar nos clubes - numa conjuntura de popularização do futebol - a crescente participação de jogadores remunerados, de sua maioria de origem pobre e negra.

Dessa maneira, a profissionalização do futebol talvez tenha sido uma das principais realizações do governo Vargas. Nesse período, esse esporte tornou-se um dos principais vetores da construção da identidade nacional brasileira, criando, segundo autores como Gilberto Freyre (apud RIBEIRO, 2003), um estilo próprio de jogar, que caracteriza e valoriza o jogador brasileiro nos gramados, tornando-o único em relação ao futebol praticado na Europa, por exemplo.

Um elemento que também foi relevante para essa acentuada disseminação e massificação do futebol configurou-se na realização das primeiras transmissões radiofônicas das partidas disputadas pela seleção brasileira no Campeonato Mundial de 1938, que ocorreu na França (GUTERMAN, 2009). Essas transmissões eram irradiadas para boa parte do território brasileiro, o que reforçava justamente essa ideia de integração nacional proposta pelo ideário varguista do Estado Novo. Desde então, o futebol só tem conquistado cada vez mais espaço na preferência esportiva do brasileiro, suplantando outros esportes, em termos de aceitação como esporte ligado às massas.

Um exemplo de como a prática de utilizar os meios de comunicação de massa através de outros suportes técnicos e em outros contextos históricos também se deu na Copa do Mundo do México, em 1970, onde o Brasil conseguiu seu tricampeonato mundial de futebol. Nessa ocasião, a televisão foi largamente utilizada como um meio para mostrar que, durante o auge do regime militar, o Brasil se tratava de um país ‘vencedor’ e que se unia, identitariamente falando, por meio das transmissões televisionadas das partidas futebolísticas (FICO, 1997).

Dessa maneira, na contemporaneidade, com o advento de outras modalidades de comunicação, como a Internet, por exemplo, o futebol também possui esse espaço de



destaque em relação às outras modalidades esportivas, como já ocorria na década de 1930, com o começo das transmissões radiofônicas de futebol, como mencionado anteriormente.

### **O Futebol e o *Mass-Media***

O futebol, dentro do referencial teórico analisado – como mencionado anteriormente – possui uma relação bastante aproximada com as premissas teóricas da Cultura de Massa, ou ‘mass media’, elencadas por Umberto Eco (2004). Nesse sentido, Eco divide a Cultura de Massa em três níveis distintos, partindo da distinção feita por Dwight MacDonalld no final da década de 1930. O primeiro nível que o autor italiano destaca é a alta cultura de massa – que pode ser representada por um quadro de Modigliani ou a *Divina Comédia* de Dante Alighieri, por exemplo. A segunda modalidade de *mass culture* que o autor aponta é a de nível médio (como, para exemplificar, o romance de Giuseppe Tomasi, *O Leopardo*, que se pretende da alta cultura, mas, pela sua difusão, acabou ficando nesse nível intermediário). Desse modo,

[...] o ‘midcult’ [mídia cultura] é representado por obras que parecem possuir todos os requisitos de uma cultura procrastinada, e que, pelo contrário, constituem, de fato, uma paródia, uma depauperação da cultura, uma falsificação realizada com fins comerciais (ECO, 2004, p. 37, grifo do autor).

Essa pretensão a um nível cultural mais elevado, mais próximo da erudição, torna o *midcult* oco, sem uma consistência firme, em termos culturais. Desse modo, Eco (2004, p. 38) censura esse nível da cultura de massa, pois reduz o “[...] ‘desfrutar’ das descobertas da vanguarda e [banaliza-as], reduzindo-as a elementos de consumo”. Nessa direção, alguns programas de televisão, como as microsséries produzidas pela Rede Globo, aqui no Brasil, também poderiam se encaixar como uma cultura média, nesse sentido, bem como boa parte dos meios de comunicação, como rádios e jornais, também podem ser enquadrados nessa faixa da baixa cultura de massa. Um exemplo de microssérie como um produto cultural médio, segundo os padrões de Eco pode ser traduzido na produção *Hoje é dia de Maria*, veiculada pela Rede Globo em 2005 (MALCHER, 2010). Já como exemplo de baixa cultura de massa, pode ser citado o programa humorístico semanal *Zorra Total*, produzido pela mesma emissora, que





possui um padrão de qualidade de conteúdo bastante abaixo da produção citada anteriormente (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010).

E finalmente, para Eco, há a baixa cultura, de que se consistem as estórias em quadrinhos, programas de auditório de televisão, enfim, a produção de conteúdo comunicacional voltada sobremaneira *high brow* à uma determinada necessidade mercadológica não comprometida ou muito pouco com o valor cultural em si. Dessa forma, dentro do panorama descortinado pelo teórico italiano, ele propõe que a democratização da cultura implica uma revisão dos três níveis de *mass culture*<sup>11</sup>, já que

Os níveis não correspondem a uma nivelção classista. Isso já é ponto pacífico. Sabe-se que o gosto ‘high brow’ [nível alto, em inglês] não é necessariamente o das classes dominantes; assiste-se, assim a curiosas convergências: a Rainha da Inglaterra gosta daquele quadro de Annigoni [pintor italiano nascido em 1910], que de um lado encontraria a anuência de um Kruschev, e do outro, ganharia os favores de um operário impressionado com as ousadias do mais recente abstracionista (ECO, 2004, p. 54, grifos do autor).

O que o autor mostra, na passagem acima, é que a mescla entre diferentes classes sociais é uma variável possível de se encontrar também dentro dos níveis de cultura de massa. Em outras palavras: assim como o futebol pode ser um elemento da *mass culture*, no sentido de que pode não ter nível de erudição algum, esse esporte também faz parte do universo da alta cultura no Brasil. Essa mobilidade que o futebol proporciona em relação aos níveis de cultura de massa propostos por Eco (2004) pode ser traduzido no sentido de que a elite do país, assim como a massa popular, vai e assiste às pelepas de futebol, seja nos estádios, nos bares cujos televisores transmitem os jogos através de canais fechados e pagos, no sistema de *pay-per-view* (pague para assistir em inglês) e em outras tantas modalidades de democratização da cultura, através de seu aspecto de entretenimento: o futebol.

Assim, no Brasil, o futebol dialoga com essas delimitações propostas por Eco, pois a comunicação de massa retroalimenta e sustenta o futebol como elemento de *mass media*, em detrimento de outras práticas esportivas ou culturais. Desse modo, o futebol no Brasil é legitimado pela mídia de massa em seus diferentes níveis, ainda segundo o pensamento de Eco (2004) e o país apoia e aprova o futebol como seu principal elemento de cultura de massa, elemento esse cuja construção remonta há bastante tempo, como já mencionado anteriormente.

---

<sup>11</sup> Para ver mais acerca dos três níveis de cultura de massa propostos por Umberto Eco ver Eco, 2004.



Essa legitimação a qual o futebol possui, enquanto um elemento da mídia de massa, também possui um caráter de ordem financeira, pelo fato de que essa modalidade esportiva movimentava vultosas somas de dinheiro nas negociações referentes à compra e venda de jogadores de futebol, bem como nas disputas referentes à venda, por parte das confederações nacional e regionais de futebol brasileiras, dos direitos referentes às transmissões das partidas pela televisão, conforme traz Damo (2008). Tais aspectos, de certa forma, já subvertem a ideia inicialmente levantada por Eco (2004), de que o popular e, no caso do futebol, o massivo, são normalmente baratos e de baixa qualidade.

Já em termos de reforçamento da identidade nacional, o futebol, como já visto acima, desde a década de 1930, é utilizado como um elemento dessa operação de reforço de um “modo de ser brasileiro”, como diz Da Matta (2006). Assim como o carnaval e outras manifestações festivas brasileiras, segundo ainda Da Matta, o futebol pode ser considerado como um ritual nacional, assim como os desfiles cívicos ou procissões. Dessa forma, é através destes três rituais que “[...] a realidade brasileira se desdobra diante dela mesma, mira-se no seu próprio espelho social e ideológico e, projetando múltiplas miragens de si própria, engendra-se como uma medusa, na sua luta e dilema entre o permanecer e o mudar” (DA MATTA, 1978, p. 35). Dito de outra maneira: o futebol pode produzir duas alternativas de ação: a volta satisfeita ao cotidiano ou a sua transformação.

No contexto brasileiro dos últimos setenta anos, o futebol assumiu justamente a segunda alternativa de ação que o autor elenca, qual seja, de modificar as estruturas e as relações societárias brasileiras – pelo menos dentro do âmbito dos estádios e locais onde se assiste e torce durante as partidas futebolísticas, como já mencionado – bem como o de forjar uma identidade brasileira em torno da paixão que esse esporte gerou na população brasileira

Dessa maneira, retoma-se a Eco (2004), no sentido de que os seus “níveis” de cultura não podem ser observados na dinâmica comunicacional do futebol, pois o futebol, como já dito anteriormente, perpassa e subverte a ordem desses estamentos da cultura de massa, num movimento bastante próprio e dinâmico. O futebol, dessa maneira, dá porosidade a esses níveis culturais de massa propostos pelo teórico italiano, no sentido de que essa modalidade esportiva consegue perpetrar uma grande mobilidade entre níveis. Tal situação se dá pelo fato de que o “jogo da bola” reúne, em um mesmo



espaço, torcedores de diferentes classes sociais e de diferentes graus de escolaridade e posição dentro da sociedade, como traz Damo (2008).

### **Considerações Finais**

Em termos gerais, o presente texto mostrou de que maneira os diferentes níveis existentes na Cultura de Massa, segundo os pressupostos estabelecidos por Umberto Eco (2004) relacionam-se com a atividade futebolística no Brasil, subvertendo-a. Desse modo, a revisão teórica efetuada evidenciou que a introdução e os primeiros momentos de desenvolvimento desse esporte no país e no Estado permitiram mostrar que, diferentemente do que ocorreu na Inglaterra, a referida modalidade esportiva teve um começo ligado às classes dominantes regionais e nacionais. Somente após três décadas do seu estabelecimento, o futebol já alcançava um patamar de esporte de massa no Brasil, sendo apropriado pelos demais segmentos da sociedade e alçado à condição de “paixão nacional”, conforme já referido.

De igual modo, foi possível observar ao longo desse texto que o começo e o desenvolvimento da atividade futebolística, tanto no Brasil quanto no Rio Grande do Sul, constituiu-se em um elemento muito importante para a construção de uma identidade, seja no plano nacional como regional. Nesse sentido, já na década de 1930 o futebol, dentro do contexto histórico do Estado Novo varguista (1937-1945) foi utilizado como uma forma de união identitária e social da população. Essa perspectiva nacionalista de criação de uma identidade coesa e sem tensionamentos internos no Brasil teve como veículo de divulgação o rádio, que nos anos 1930-40 consolidou-se no Brasil como o grande meio de comunicação, por abranger boa parte do território nacional (KERBER, 2007).

Cabe ressaltar que não foi somente no período do Estado Novo que ocorreu esse processo de reforçamento da identidade nacional brasileira através do futebol. Durante o regime militar (1964-1985), a televisão foi utilizada como o meio de propagação de uma ideia de que o Brasil era um país “que ia para a frente” e que estava unido, por meio das transmissões em rede de televisão, sobretudo nas partidas televisionadas de futebol (FICO, 1997).

Nesse sentido, também foi possível constatar, ao longo desse texto, que, na contemporaneidade, os meios de comunicação de massa dão substância e retroalimentam a dinâmica futebolística, tanto no contexto nacional quanto regional,



deixando em segundo plano as outras modalidades esportivas. Esse “privilégio” por assim dizer, engendra-se pelo fato de que, no Brasil como um todo, o futebol foi guindado à categoria de espetáculo, de produto cultural de primeira grandeza, em detrimento de outras manifestações culturais e também de cunho esportivo. Nesse sentido, cabe ressaltar que a cobertura jornalística das atividades relacionadas ao futebol detém um espaço significativamente maior do que as outras modalidades esportivas que, possuem pouco destaque em termos de crônica e de cobertura jornalística propriamente dita<sup>12</sup>.

Desse modo, os níveis de Cultura de Massa, propostos por Eco (2004) originalmente na década de 1960, em uma primeira visão, não podem ser aplicados tal qual como são à relação existente entre o futebol e o *mass media* no Brasil, pois o futebol é um objeto cultural tanto do interesse dos consumidores da baixa, quanto da média e alta culturas.

Finalmente, o futebol configura-se como um objeto cambiante e mutável, dentro do escopo teórico advindo da cultura de massa no Brasil, não tendo como serem aplicados modelos estáticos e teoricamente enrijecidos<sup>13</sup>. Esse enrijecimento teórico não possui sentido em ser aplicado ao futebol – e todas as implicações que esse objeto cultural imbrica na sociedade brasileira – pelo fato de que tanto consumidores de uma “alta” cultura quanto de uma “baixa” ou “média” cultura interessam-se pelo futebol e consomem os produtos comunicacionais resultantes dessa prática esportiva.

## REFERÊNCIAS

BEHREND, Martin Herz. **O 5 de Abril**: o primeiro jornal de Novo Hamburgo. Novo Hamburgo: [s.n.], 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BURKE, Peter. **O que é história cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

---

<sup>12</sup> Empiricamente, essa maior cobertura jornalística dada à atividade futebolística e aos seus eventos relacionados, pode ser observado no portal de conteúdo para internet *Clic RBS*, uma página da web mantida pelo grupo comunicacional RBS (Rede Brasil Sul), sediado no Rio Grande do Sul, onde boa parte do espaço destinado ao noticiário esportivo é reservado ao futebol.

<sup>13</sup> Acerca dessa mescla de classes socioculturais que o futebol propicia dentro da dinâmica da sociedade ver Pereira (2000), Guterman (2009) e Da Matta (2006).



DA MATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

\_\_\_\_\_. **Carnavais, Malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DAMO, Arlei. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 66, fev./2008, p. 139-150.

\_\_\_\_\_. **Futebol e identidade social**. Porto Alegre: UFRGS, 2002

DRUMOND, Maurício. O esporte como política de estado: Vargas. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **História do esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo**: Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

HOBBSAWN, Eric J. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular no país. São Paulo: Contexto, 2009.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. 500 de Brasil, 100 de futebol gaúcho: construção da “província de chuteiras”. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 13, p. 21-50, jul. 2000.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Futebol, globalização e identidade local no Brasil. **Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 8, n.57, 2003.

\_\_\_\_\_. Imigrantes desportistas: os alemães no sul do Brasil. **Scripta nova**: revista electrónica de geografia y ciencias sociales. Barcelona, v. 1, n. 94, ago. 2001. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-94-108.htm>>. Acesso em: 16 abr. 2011.

KERBER, Alessander Mario. **Representações das identidades nacionais argentina e brasileira nas canções interpretadas por Carlos Gardel e Carmen Miranda (1917-1940)**. Porto Alegre, 2007, 315 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MALCHER, Maria Ataíde. **Teledramaturgia**: agente estratégico na construção da TV aberta brasileira. São Paulo: Intercom, 2010.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p 179-188, jan./dez. 1999.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PRODANOV, Cleber Cristiano; MOSER, Vinícius. Estado Novo e futebol: a região italiana do Rio Grande do Sul. **Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 14, n.135, jan. 2010.

\_\_\_\_\_; MOSER, Vinícius. O futebol ítalo-germânico no Rio Grande do Sul. **Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 14, n.135, ago. 2009.



\_\_\_\_\_ ; MOSER, Vinícius. Marcas de uma história, marcas do futebol: o *Foot-Ball Club* Esperança. **Lecturas:** Educación Física y Deportes, Revista Digital. Buenos Aires, ano 14, n.152, jan. 2011.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. **História da televisão no Brasil:** do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Brasil: futebol e identidade nacional. **Lecturas:** Educación Física y Deportes, Revista Digital. Buenos Aires, ano 8, n. 56, ago. 2003.

SEYFERTH, Giralda. Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 5, n.2, jan./dez. 1999, p. 61-88.